

# INSTRACÃO PORTUGUEZA



II SERIE N.º 842 50 c.  
*Lisboa, 8 de Abril de 1922*

# ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA

Edição semanal do jornal «O SECULO»

DIRECTOR — J. J. da Silva Graça  
PROPRIEDADE DA Sociedade Nacional de Tipografia  
EDITOR — Antonio Maria Lopes

NUMERO AVULSO. 50 cavs.

ASSINATURAS: Portugal, Ilhas adjacentes e Espanha:  
Trimestre 6\$50. — Semestre 13\$00. — Ano 26\$00.  
COLONIAS PORTUGUESAS: Semestre 14\$00. — Ano 28\$00  
ESTRANGEIRO: Semestre 17\$00. — Ano 34\$00.

Redação, administração e oficinas: — Rua do Seculo, 48, LISBOA

842

O melhor  
Cha exportado da  
Inglaterra é o  
Cha Endvar

Solicitamos Agentes  
Compradores para os  
mercados onde não  
tenhamos representantes

## CHA ENDVAR

ENDVAR COMPANY LTD

Fabricantes e Exportadores de Chas, Conservas, etc.

38A KING WILLIAM STREET, LONDON E.C. 4



## TONICO YILDIZIENNE

*O tesouro dos cabelos*

Faz nascer e crescer os cabelos. Cura a caspa, a canice, a calvice e todas as doenças do couro cabeludo em todas as idades e em todos os casos.

*Tintura Yildizienne*

Instantanea. A melhor e mais rapida do mundo.

*Regenerador Yildizienne*

Cora os primeiros cabelos brancos em 8 dias.

*Schampoo Yildizienne e Skaffe*

O melhor que ha para lavar a cabeça e tirar a caspa.

*Brilhantina liquida Yildizienne*

Para dar brilho e leveza aos cabelos.

*Brilhantina solida Yildizienne*

Ondulante favorece a ondulação e dá ao cabelos um brilho incomparavel.

### Academia Scientifica de Beleza

Avenida da Liberdade, 25—Lisboa

TELEFONE 3641

Resposta mediante estampilha

Peçam em toda a parte os acreditados productos d'esta  
ACADEMIA DE BELEZA

VENDAS POR GROSSO E A RETALHO

## DENTES ARTIFICIAES

Extrações sem dôr, corôas  
'ourc, dentes sem placa.

Eugenio dos Santos, 35, 1.º

## Crown Ribbon and Carbon Mtg. Co.ª

Machinas de escrever,  
accessorios e oficinas de reparações  
Freços resumidissimos

Vende J. Anão & C.ª L.ª

R. Nova do Amparo. 6. 2.ª  
Telefone 2836 LISBOA

## “VITRILOIDE”

SUBSTITUE COM VANTAGEM A VIDRAÇA

Chegou nova remessa

13, Pr. Restauradores — Lisboa

# ILUSTRACÃO PORTUGUEZA



O CONSUL DO CHILE, SR. LABRA CARVAJAL, SUA ESPOSA E SEUS FILHOS

## A MINHA JANELA

**H**á no meu quarto uma janela que deita para um jardim... O inverno deixou-me deixou-me esquecê-la, conservou-a sempre fechada, triste, ao abandono.

Os dias foram decorrendo, monotonos, nevoentos, acentuando-lhe uma expressão nostálgica de desolamento e clausura. E, mal os meus olhos lhe tocavam, ela apagava-se logo, esfumava-se, envolvia-se na penumbra, afundando-se, adormecida, na sua modorra.

Esta manhã, porém, quando acordei, encontrei-a mais alegre, pareceu-me até vê-la sorrir, espêrguçar-se na fina claridade que a embalava e estremeia.

Tinha-se dissipado aquela sua aparência hostil, macerada, de suplicio e despojava-se, desafogava da sombra talvez n'um belo impeto, palpitando agora, desanuveada e suplicante, n'uma grande ancia de liberdade.

Não lhe soube resisitir. Avancei para ela, radiante, carinhoso, e abri-a, escancarei-a para a luz...

E lá fóra o céu lembrava um lindo berço azul, feito de gazes e musselinas, onde a primavera balbuciante, pura, como uma criança, alvorecia timidamente no seu olhar de espanto.

O jardim desnudava-se, rompia n'um gesto brando, suave, a tenuíssima neblina que se evolava evaporada pelo ar.

Nas alamedas escoava-se como que um sussurro efervescente de seivas rejuvenescidas tenras, desflorando frescuras, acordando às revoadas o sono empalidecido das côres.

O sol despertava fulvo e andava agora a brincar, sorridente de meiguice, e a balbuciar loiras caricias, beijando as flores de mansinho, n'um beijo precoce, infantil.

N'aquela banco tosco, suspensa na leitura d'um livro eternamente o mesmo, lá estava aquela *miss viuva*, glacial, que nos mezes de frio arribava para mais tepidas paragens e hoje, voltava, infalível, pontual, marcando a traços inflexíveis o rumo imutável do seu destino.

Esvoaçando à sua volta, em leves ondulações, doidejavam, corriam os dois meninos rubeos, vaporosos, que ela de vez em quando vigiava n'um olhar fingido, sereno.

E eles continuavam brincando sempre, saltitavam, ondeantes, frageis, n'uma aereosidade de plumas, n'uma leveza gracil de espumas desfeitas, baloiçando-se ao vento.

Da aragem límpida, acariciante, que ia abrاندando o doirado eflúvio da luz a rebrilhar, chegava um habito estesiante de aromas frescos, desabrochados, afagando, perfumando-me a alma:

E a minha janela esfusiava, iluminava-se de alegria, acariciada pelo sol, voltada para o céu, n'um deslumbramento, n'uma alvorada...

ANTONIO DE MONSANTO

Recebendo diariamente inumeras composições literarias, F. de C. continua a fazer uma selecção das melhores poesias, publicando depois, successivamente, n'esta secção, aquellas que mais interesse lhe despertarem.

F. de C. tem recebido os mais calorosos aplausos pela sua iniciativa, que tem sido acolhida com indiscutível agrado, tanto em Lisboa como na provincia.

Entre aqueles poetas obscuros que se correspondem com F. de C., alguns que revelam verdadeiro talento, apesar da falta de instrução e das inevitáveis imperfeições de poema. A esses conseguirá mais tarde, F. de C., com a publicação de inéditos e o reclame necessario, uma interessante situação literaria.

Respondendo a inumeras perguntas, faço saber a todos que, para ser atendido por F. de C. basta ser assinante da *Ilustração Portuguesa*. Aqueles que o não são poderão abrir uma assinatura por tres mezes. E' necessario mandar sempre estampilhas para a resposta. O soneto que hoje publicamos, á maneira romantica, revela grandes aptidões e uma grande correção de fórma.

O seu autor, Henrique Sant'Ana, residente no Porto, um pouco influenciado pela escola de Tomaz Ribeiro e Soares de Passos, tem, indiscutivelmente, notáveis qualidades de inspiração.

### TRINDADES D'AGOSTO

A Amadeu Santos

Desmaia o sol no firmamento azul  
Qual pomba triste que morrendo está,  
E a perfumada viração do Sul  
Doces encantos não transporta já.

As trevas descem sobre o campo loiro;  
Murmura o rio, soluçando a medo...  
E um rouxinol em seus trinadoes d'oiro,  
Cicia máguas d'um gentil segredo.

Voltam da ceifa as raparigas belas,  
Ancas redondas, lindas como estrelas,  
Olhos imersos em tristonha luz...

E quando escutam o tanger dos sinos  
Aos céus elevam merencorios hinos,  
Fazendo todas o sinal da Cruz.

Henrique Sant'Ana

**F**OI já posto à venda em Madrid o primeiro volume das obras completas do nosso grande poeta Eugenio de Castro, que teve, na capital espanhola, uma longa e vibrante apoteóse intellectual. A edição é duma rara belesa, na sua simplicidade e na sua harmonia esbelta. E' pena que nem sempre se dê, às nossas edições, aquele sabôr de elegancia, aristocracia e sobriedade. Este primeiro volume abrange os *Oaristos* e as *Horas* — as duas primeiras rebeldias fulgurantes do Poeta.

**A**BRIU na quarta feira, no Salão Bobone, a exposição do illustre pintor João Vaz — o mestre consagrado das marinhas. João Vaz é uma grande alma de artista e de lusiada. Ele compreende bem a sensibilidade da Raça — devota eterna do mar, das suas nupcias luminosas de ondas azues e de espumas brancas...

Antonio de Hoyos y Vinent (Marquês de Vinent), o apreciadissimo escritor espanhol que Lisboa muito admira, acaba de publicar um novo volume de contos intitulado «Las Ciudades Malditas», e promete-nos para breve uma visita a Portugal.



Damos hoje aos nossos leitores um conto extraído do «Del Huerto del Pecado», um dos seus primeiros livros, e traduzido por Ruy de Veras, amigo do autor e a quem se deve a divulgação em Portugal da sua obra.

# A ALMA DAS COISAS

*Não é mais do que a sombra de um sonho.* — SHAKESPEARE.

I

**E**RA uma princesa de sonho, tinha os olhos negros como a noite, os olhos negros como o misterio. Vivía no país em que vivem todas as princesas dos contos, o país dos poetas e dos apaixonados, das frivolas e dos bruxos, o país risonho em que os palácios são de esmeraldas e brilhantes, as fontes de prata, as rozas de púrpura e as maçãs de ouro.

Como em todos os contos encantados, a velha rainha passava o dia fiando na sua roca de prata e o rei, sentado no trono, com o sceptro na mão direita e a corôa na frente. E a princesa consolava com os seus bonecos as longas horas de tedio. A princesa gostava dos bonecos, os lindos bonecos de biscuit e olhos de cristal; tinha bonecos, muitos bonecos: uns eram guerreiros, com os seus garbosos uniformes; outros, cheios de pompa, arremedando os trajes de reis antigos ou os vistosos fatos dos toureiros, e outros, mais infantis nos seus vestidos de bebê, riam mostrando os dentes de porcelana e as pupilas de vidro.

A infanta apertava-os e os bonecos abriam os lábios, moviam as cabecitas, e com as suas mãos de louça, pequeninas e frias, acariciavam as faces cor de rosa da princesa. Mas essa carícia fugaz, esse ar amavel, não lhe bastavam, queria encontrar-lhes a alma. E com a tesoura de ouro abria o corpo dos lindos bonequinhos e... só encontrava as molas que rodavam, rodavam vibrando como uma gargalhada ironica. E a princesa chorava, chorava cada nova desilusão!

Mas como era rica, e nos subterrâneos do palácio, vigiados por um dragão de grandes azas, havia muitos sacos cheios de ouro, a princesa comprava bonecos e mais bonecos, sempre para os desmanchar, com a ideia de lhes encontrar a alma.

II

... E a princesa foi rainha. Sentada na sua cadeira de ouro recebia as homenagens daquela corte

de sonho. Príncipes, prelados, marechais, sábios, damas, grandes senhores e grandes senhoras, políticos e bôbos—irmãos na comedia da vida—beijaram a sua mão real. E foi rainha do poderio e da formosura, e diante dela as flores de liz inclinaram o seu regio calice, os iris—flor dos cavaleiros de Cristo—curvaram as suas petalas azuladas e os lírios—oh! lírios, lírios das Anunciações!—incensaram o ar.

A Corte de damas e de trovadores rendeu-lhe vasalagem e estes foram os seus bonecos, os seus bonecos grandes. Mas não foi feliz. Queria ver-lhes as almas, e com o bistouri da sua intelligencia abria-os para lhes encontrar o coração e só lhes achava as molas—interesse, ambição, egoismo, cobardia—que moviam aqueles fantoches no *Guignol* da vida. Chorava a cada nova desilusão; mas era poderosa e por cada favorito que caía surgiam outros, e outros, e outros. E aos tristes desenganos sucederam outros ainda mais tristes.

III

... E a pobre rainha saiu do palácio e começou a caminhar pelo bosque. E como á medida que andava ia sentindo o peso da corôa, deixou a corôa ao pé de uma arvore para seguir o seu caminho. E andando, andando, sentiu-se cansada com o peso dos vestidos recamados de ouro e tirou-os ficando só com uma túnica de linho.

Era uma manã de nardos e rosas, cheia de perfumes; os passaros cantavam nas arvores altas e o sol ria no céu. E assim, andando, teve fome. Um velho pastor, de barbas de arminho e samarra de pele de ovelha—o genio bom dos contos—ofereceu-lhe leite num pucaro de barro, com as palavras santas:  
—Beba, irmã.

E a rainha seguiu o seu caminho e sentiu-se feliz. Não encontrou na sua Corte uma alma, mas encontrou no bosque a alma das coisas.

ANTONIO DE HOYOS Y VINENT

Ilust. de Julio Antonio (Marquês de Vinent)



*Gago Coutinho e Sacadura Cabral no momento da partida*

## A HEROICA AVENTURA

**E**u saúdo! Escol! Escol! Escol! Evohé! Saúdo os portugueses que atravessaram o Atlântico sem disvirginar as suas águas. Saúdo os que navegaram céos «nunca d'antes navegados», como Camões disse dos mares. Saúdo os que fizeram um caminho de azas entre dois mundos, num tempo em que ainda existem as estradas de lages dos romanos. Talhar no céu um roteiro só o talhou Jesus na Ascensão. Eu pensei, pensei que a epopéa antiga das Descobertas dormia o sono secular e que se tinha apagado o olhar infinito do Infante. Pensei que a epopéa dormisse o seu sono lendario envolta nas oitavas dos Lusíadas.

Pensei que dormia—sonhando na verdade!—nas ogivas religiosas e nas rendas brancas dos Jeronimos e na alma dos poetas. Essa epopéa acorda e estremece a convulsionar as almas por esse paiz fóra. Acorda, acorda a um ruflar d'azas.

O mundo é do sonhadôr e do artista. Ir mais além — ir mais longe! — é a maior voz de comando que nos pode gritar o destino. Eia! Larga! O homem procura conhecer o mundo. Contorna continentes, navega mares, escala montanhas, rebusca nos pégos profundos dos oceanos, mede os astros, a vida e as dimensões, conta células, escravisa tudo á sua garra. O sonho é como uma rede insaciavel. E

numa loucura divina põe os pés, agarrados á terra na grilheta da sua fórma e do seu fim, mais além que até onde relanceava os olhos.

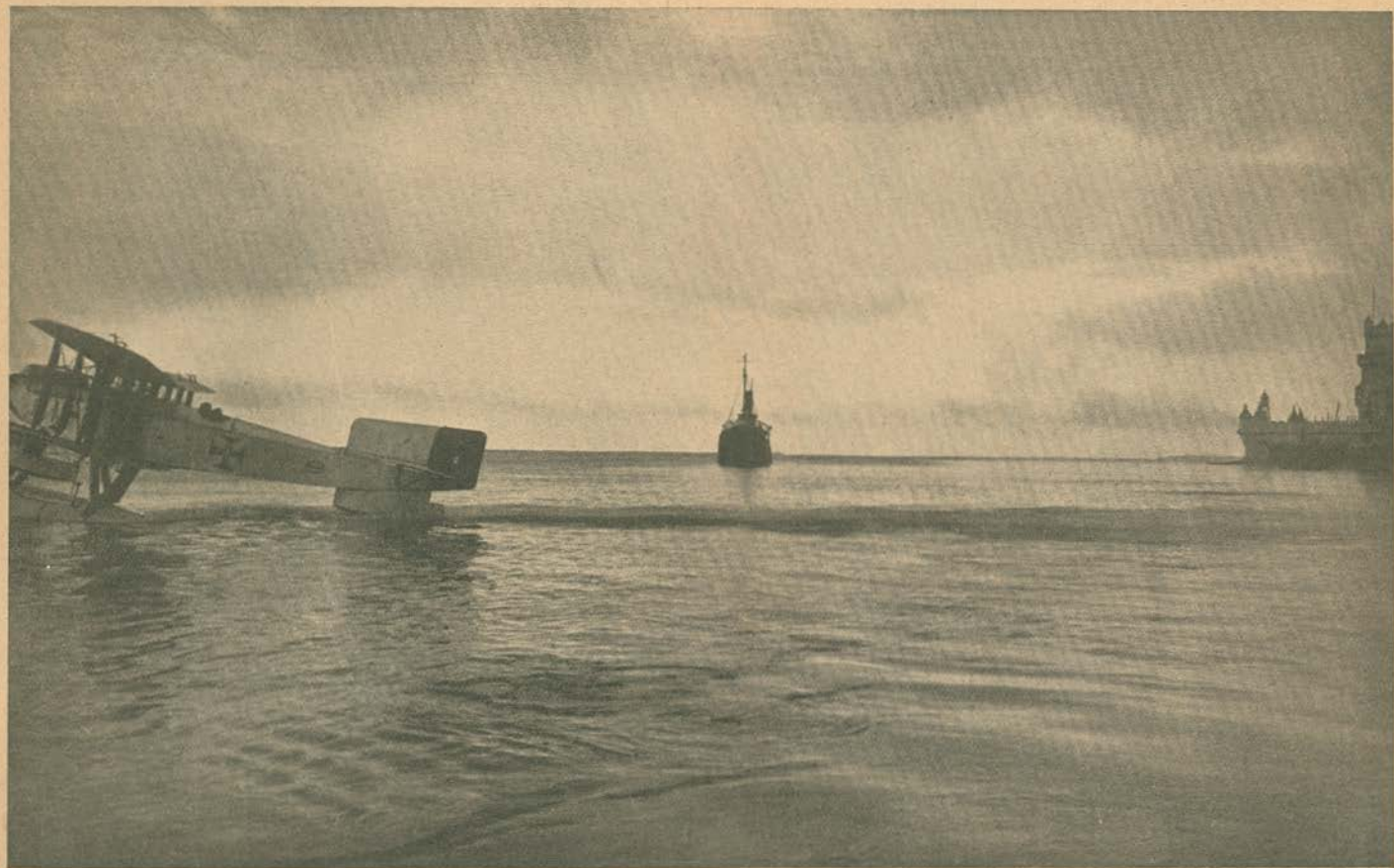
O sonhadôr é o mineiro do misterio. Mais longe! Mais longe!

O' velas da cruz de Cristo, o mar é um Calvario! O' velas brancas de linho, as bujarronas e as grandes erguidas a toda adriça! — O' velas brancas de rude velejar — o mar é um Calvario! O' velas de martirio, que fórma louca, que anciedade de traço e destino — era essa que vos dava o vento como um desejo nas largadas? O' velas da cruz de Cristo — ressuscitai — sois azas, podeis voar!

A irromper entre a mesquinha vida quotidiana, de egoismos tórpes que se degladiam, de revoluções inertes que pestilentam a vida da nação e de descrenças que vitriolam todas as aspirações, a irromper esse nevoento e sombrio horisonte — rasga-se num clamôr a eterna voz da raça.

A historia é uma montanha — disse Junqueiro, e o historiadôr que abrange num feixe unico todos os factos, balisa, arrua, trigonometrica essa montanha.

Ah! Mas não. A historia não é uma montanha inerte e fria aos olhos de historiadores como de geologos, não. A historia é a boca rasgada na for-



*O aparelho levantando vôo*

midável fisionomia do passado, e que fala, perpetuamente, a sua linguagem profunda e misteriosa. Os seculos são quebradas de montes que alargam e embelezam o seu ecoar sem fim.

Não ouvis D. Nuno gritar: Por S. Jorge! Por S. Jorge! E o insurdecidôr alarido das mesnadas e besteiros em Aljubarrota? A voz do Gama que domava as ondas ainda melhor doma o tempo e chega até nós.

Ha torres de menagem onde ainda resôa o fragôr das catapultas, e ha montantes que se erguem dos museus scintilando sobre cotas de malha. Não ouvis? Até se ouve o ciciar das orações do lindo Infante Santo e a palavra conselheira de D. Duarte. Até, até a Voz de D. Sebastião em Alkacer-Kibir — Ter! Ter! Ter! se alastrou sobre a terra e sobre o tempo e foi comandar nos intríncheiramentos da Flandres.

A bela Aventura! A aventura magnifica! Os bronzes de todas as estatuas das praças de Portugal — de todos quantos o mereceram da Gloria — reis que amaram o povo ou o sonho, heroes de batalhas e de ideias, martires do pensamento ou da arte, nobrezas valorosas de humanidade ou humilidades profundas de santos — todos esses bronzes se

animam e vivificam e vão descer dos plintos e balcões numa romagem nunca vista, a receberem os seus irmãos.

O Idealismo renasce. A tranquillidade da Europa, do mundo, durante tantas decadas, de tesoura e de lente em punho, teve vagar de amputar a alma humana. O prestigio extraordinario da formula! Até o coração é posto entre duas lamelas! A sciencia, como uma rêde de arrasto, esvasiava de população misteriosa a vastidão das classes. O Renascimento, a ensinar aos homens onde se fixa tudo quanto ele cria de fluctuante e ascencional, é uma boa blague! O trabalho extenuante dos Enciclopedistas a cercearem os horisontes espiritualistas (Voltaire, Holbach, etc.) não são rôtos pela corrente rejuvenecedôra que Stael de novo meteu em França, e, por todos os modernos como Gayau, não, rasgam-se a vôo no Espaço. Chamo atenção dos sabios: como um sonho destrue doutrinas, como a gloria abre caminhos. E quanto mais alto — maior é o horisonte. A gente não acaba

Meu Deus, eu fico a pedir, que não viva naquellas paragens o Adamastôr.

PINA DE MORAES



Gago Coutinho e Sacadura Cabral antes da partida

(Clichés Salgado)



# A N T O N I O   C A N D I D O



*A mesa da sessão solene na Academia das Sciencias em honra do grande orador Antonio Candido*



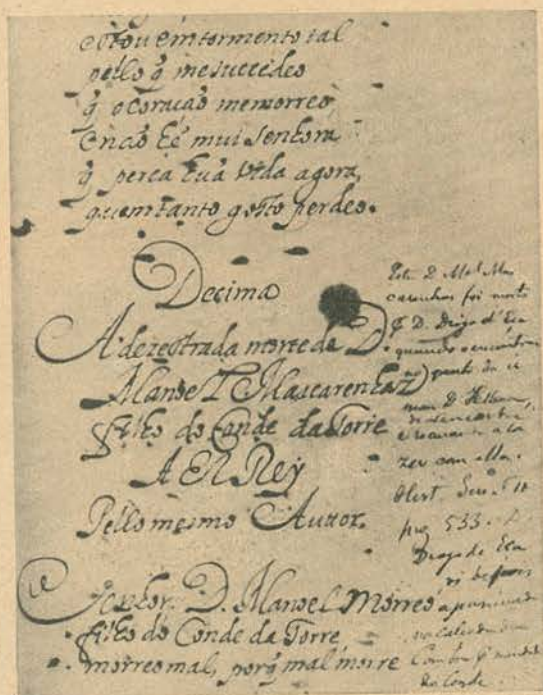
*A romagem a casa de Antonio Candido, no dia da consagração nacional ao tribuno ilustre: Uma comissão da Academia cercando o grande homenageado (Clichés Salgado)*



UM  
 CANCIONEIRO  
 MANUSCRITO  
 DOS  
 SECULOS  
 XVII E XVIII



**H**EITOR ANTUNES, o conhecido editor, vai realizar um leilão de livros velhos, alguns dum grande valor. Esse leilão deve despertar um notavel interesse entre todos os devotos do Passado e da sua Beleza ingenua e evocadora. Dentre esses livros, merecem especial menção um cancionero manuscrito em grande parte inedito, que abrange desde o começo do seculo XVII (1608) até quasi ao seculo XIX. Os cancioneros são o testamento emotivo do Passado — a sua grande resurreição pitoresca e lirica. O encanto das suas paginas floridas de iluminuras ainda hoje nos comove, como a longa e



dôce caricia de uma aza morta... Haverá pois um sucesso de interesse e uma afirmação de Arte em volta dessas lombadas gastas pelos seculos e sempre moças pela alma.

Damos hoje a reprodução de uma pagina desse manuscrito, dos seculos XVII e XVIII, que faz parte desse leilão. A tornar mais valiosa essa preciosidade, podem ver-se umas anotações á margem, escritas por Camilo. Basta isto e a ternura infantilmente rudimentar de alguns desenhos como os dois anjos que tambem reproduzimos, para salientar o valor curioso e marcante desse leilão.





## P R E C E      R U I V A

A MOR, dai-me que um dia eu possa ter-vos  
Implorativa e tímida em meus braços  
Sentindo na alma a orquestração dos nervos  
Tangendo as árias ruivas dos abraços!

Olhai meus olhos suplices, os servos  
Seguindo a sombra azul dos vossos passos,  
Teem, desiludidos de merecer-vos,  
A côr cinzenta e esteril dos cansaços!

... Que o meu desejo, Amor, se possuísse  
O vosso corpo esbelto de nubente,  
Seria, ó Muito Mais que Muito Amada,

Que as nossas bocas, num só beijo, as visse  
A minha dando a luz a cada Poente  
E a vossa a luz a cada Madrugada!

MARIO ALVES PEREIRA

# UM DRAMATURGO DO AMOR

A OBRA APAIXONADA DE HENRY BATAILLE, MORTO EM PLENA FLORESCENCIA, NÃO SERÁ ESQUECIDA PELA HISTORIA DO THEATRO

**G**OSTARIA de descrever, evocando quer deliciosas recordações de rectas fulgurantes, quer de leituras que difficilmente se apagam no encanto mental, a obra, diversa, fecunda e larga, desse eminente artista, que foi o dramaturgo do amor, Henry Bataille, apreciado tambem em Portugal. Conheço de representação as suas principaes peças e pelas suas principaes interpretes (desde a ondulosa Regina Badet, cujo corpo era um poema, até á requintada Iyonne de Bray, estonteante de realismo e de um pouco de misterio, linda...); tenho lido, deliciosamente, as que não lobriguel no palco; e conservo as lembranças alheias e proprias, das traducções lusitanas da «Ressurreição» (que ele adaptara do grande e evangelico Tolstoï), «Marcha nupcial», «Virgem Louca». Não me é estranha a pagina curiosa da sua apontada vida e, por isso, escrever sobre o seu espirito e sobre a sua arte me tenta audaciosamente.

Tendo nascido verdadeiro artista, e cultivando finamente a tela e a poesia, Bataille abandonou-as parcial e felizmente, pelo teatro. E, neste, ele foi um extraordinario pintor e um anctoso poeta. As qualidades peritas de fixação de cor e figuras do primeiro, e o lirismo e a espiritualidade do segundo, o favoreceram para no proscenio marcar mais do que um cultor de elite, uma individualidade maravilhosa. Dedicando-se, já não direi ao estudo mas ao desvendar do amor, a sua obra, veemente, apaixonada — de visionario, talvez! — é mais do que a odisseia desse tiranico, cego, complexo sentimento, sujeito ao transitorio e á morte; é o cantico moderno dos refulhos de almas estonteadas, que julgando-se libertas, e em demanda da felicidade, presas se mostram por cadeias fundidas, com pouco altruismo, em animalescos cadinhos...



Mas ao amor do amor, ninguem se lhe sobreleva na litteratura parisiense contemporanea. E' um Musset menos romantico — ou melhor, evadido dum romantismo diminuido, azul fescuro — mas mais hodierno, correntio nos tempos perturbados, perturbadores e rapidos.

Começou (1896) pela «Leprosa» e «Teu sangue», duas peças em que um psicologo, embrenhado em lendas e fantasias, desbrava caminho, que contudo não deixa de ser confuso e de pouca perspectiva; duas faces do amor: o sensual, tendo por base o odio, o sentimental remirando-se na ternura e na bondade nevrotica.

E' porém em «Maman Colibri» (1904) que o seu talento de psicologo e de lirico se fundem e a sua força de dramaturgo se acentua, se confirma e a carreira brilhante se inicia. Que importa a escabrosidade do tema e as reservas da critica: o publico enche o teatro. Essa amorosa tragica, influenciada por um poder divino, inelutavel e que ela é impotente para repellar, agrada, faz delirar. Essa Irene é dominada pelo violento impulso do destino e não procura resistir-lhe. «O amor é o grande refugio do homem contra a solidão, a imensa solidão que lhe impuzeram a natureza, a especie, as leis eternas».

A «Marcha nupcial» é a historia d'uma falsa vocação, do desmoronamento d'uma fé. Graça de Plessans, impulsiva, imaginosa, é uma mistica. Em vez de marchar para o casamento celeste, confia-se ao consorcio humano. Pertence á raça das mulheres corajosas e altivas que, tendo escolhido o homem a que se entregam, mantem-se nessa escolha, irrevogavelmente, mau grado as piores desilusões...

«Poliche» desenvolve um assunto doloroso e profundo: a tocante desventura d'um homem que se faz polichinelo para ser amado e que deixa de ser amado quando mere-



A actriz Iyonne de Bray

ce sel-o, isto é quando cessa de mentir. O amor comprado pelo fingimento e perdido pela lealdade... (Feraudy representava, na comédia, este tipo doloroso d'uma maneira que o espectador sentia nos labios a cinza de que fala o Eclesiastico... Vi a peça, mais tarde, em plena montanha pireneana, Eaux Bonnes n'um estrado de «club», sem scenario, com as lagrimas femininas por Poliche e com muitos «oh! oh!» para a actriz Simonne que, formidável, dizia os ditos escabrosos... a revoltarem os proprios francezes pelas situações; um pequeno pormenor que define a arte fóra de Paris...)

Em a «Mulher nua», drama directo, raciniano, que o rispido Brisson classificou de obra-prima, impregnado todo ele de tragica compaixão, o poeta mexe com o dedo na eterna miséria do amor: o combate cruel no qual os adversarios são desigualmente armados, onde sempre se medem dois egoismos. A heroína é uma mulher do povo, humilde e delicada, avessinha terna, sem defesa, mortalmente ferida e que exhala queixumes que cortam o coração.

E a «Virgem Louca» surge, marcando a evolução suprema do dramaturgo—o paroxismo da subtilidade doentia, torturada, de Bataille, o seu gosto pela singularidade,

nente de descobertas, o colecionador de sensações, o cirurgião de mascara dura, com alma sensível, que sonda as chagas, arranca lagrimas ao paciente, persistindo em propôr como fim a existencia humana tão só «a satisfação do egoismo apaixonado e a procura exclusiva da felicidade» se obtinha admiração, jámais conquistara a simpatia geral os aplausos ou o calado para as observações.

Bataille não ocultava o seu descontentamento. Dumas filho explicava, justificava em belas paginas as suas ideias e respondia aos criticos nos proemios mas tudo isso em post-escriptum. Bataille, antecipadamente o fazia: explicava, como que pretendendo iluminar os que só por si se devem esclarecer, sem dependencias. As ultimas peças mesmo certo barulho e atos combatiuos originaram, ferindo talvez o seu coração...

Pelo brilhantismo, pelo espirito, o teatro francez se impõe e resplandece. Mas, de Scribe a Ibsen—que é o ultimo genio criador do teatro, ainda solitario no pedestal do ciclo—se a legião é grande nem por isso ela destaca um novo padrão, mostra, ou consegue fazer triunfar a obra excepcional, duradoira, de character e imposição geral. Dumas, Augier, Becque, Curel, Mir-



O escritorio de Henry Bataille

pelo paradoxo, o desdem pelos principios fundamentaes se affirmam em toda a liberdade. Esse romance de Diana e de Francisca, abolindo completamente toda a disciplina e todas as regras restrictivas, proclama veementemente o «direito a felicidade»...

E' a «Phalena», é o «Escandalo» (a menos escandalosa no arriscado das concepções, para tantos...) é a «Filha do amor», é a «Amazona», chama de patriotismo, frascador... é o «Homem da rosa», ou seja a despoetisação por, um poeta, da sintese do amor, conquistando insaciavel, numericamente: a fanfarronada donjuanesca finalizando mercantilmente numa mais do que prosaica serva de hospedaria... E' as «Irmãs d'amor» mostrando o imperio da razão sobre os gosos sensuaes e o seu triunfo final. E' «Ternura». E no momento de morrer, roubado subitamente já á gloria duma literatura e ainda ao fervor dum trabalho, febril, ativissimo que a aumentaria, tres peças em scena: «Animateur» «Possession», e «Chair humaine». Duas prontas a representarem-se, mas que o testamento proibe que as gambiarras as illuminem.

A critica — semeadora de duvidas! — nunca foi completamente favoravel a Bataille, pelo menos n'esse total que sempre contenta os fugazes apreciadores do numero. A sua analyse passional, notando «as diversas posições da consciencia em redor das leis fataes do destino e do amor», a sua curiosidade em busca perma-

beau, Hervieu, Lemaitre, Pailleron, Lavedan, Donnay: que esplendida pleiade! Comtudo, qual a obra? Qual a parte de colaboração que o interprete aumenta, traz ao autor? Porque a «Francillon», de Dumas filho, repetida, só poucas vezes logrou o cartaz? Morto Hervieu, as suas peças, de todos os dias e anos representadas, deixaram de subito o Francés, até essa «Corrida do facho»; e o «Inimigo do povo» não encontrou actores na primeira scena francesa!

Só numa peça Bataille deixou de pintar as paixões para filosofar, reflectir a vida moderna no seu sonho de desejos do além: os «Fachos»: os sabio, os cerebros directores, os seres d'alta intellectualidade, as ideias directrices, as esplendidas ideias, que illumina, precedendo, a marcha do rebanho humano nas trevas. Evidentemente, esse maravilhoso escultor de tantas creaturas, feitas do barro da ultima civilisação, poeta inegalavel das dores femininas, dedicado ao amor do amor, escritor da maior e requintada expressão verbal, brandiu tambem o seu facho, embebido não raro na lampada ibseniana, e illuminou, illuminou...

Aos que maliciosamente já perguntam se as suas obras terão no futuro espectadores ou sómente leitores, só o proprio futuro poderá, com effeito, responder. Lectors do teatro atravez os tempos não será ousado affirmar-lo indispensaveis e deslumbrados.

José PARREIRA



## BONECAS DE TRAJOS

**P**OR iniciativa da sr.<sup>a</sup> viscondessa de Montargil, que eu tive a honra de conhecer ha pouco, fundou-se, na Figueira da Foz, uma das varias Casas de Trabalho de Santa Joana Princeza, uma dessas casas milagrosas onde são recolhidas raparigas pobres, pequenos farrapos humanos a quem falta um conforto amigo e que estavam condenadas a perder-se, ao desamparo, neste mundo enorme de destinos preversos.

As pequenas, na Figueira, dedicam-se á industria de bonecas de trajos; trabalham corpos inertes a que cada uma pretende incutir vida, com os seus grandes olhos de botões de luvas, os seus cabelos de lã revolta, as suas bocas pequeninas e bem feitas que parecem querer beijar essas adoraveis mãos inocentes que as animaram.

Foi em casa da sr.<sup>a</sup> D. Maria Madalena de Martel Patricio, a poetisa interessantissima do *Libre du*



*Passé Mort*, que eu tive ensejo de olhar avidamente essas bonecas adoráveis, essas pequeninas obras de Arte que evocam épocas e costumes, que se sorriem para nós e que não córam quando lhes elogiamos os corpos bem talhados ou as saias discretamente compridas. E, esses entes pequeninos, quietos, cheios de elegancia e de beleza — mas sem se envaidecerem — deixaram que eu as namorasse, deixaram que a luz cruel de dois dias de exposição forçada *flirtasse* com elas, constantemente, implacavelmente, desde a crueza de tons do meio dia, hora do fogo, hora da vida, até à morte rubra do sol poente, hora de tristeza, hora de nostalgia.

Preso pelo encanto das suas atitudes e lembrando-me da ideia altamente simpática que presidiu á sua elaboração, foi com respeito que eu lhes toquei a medo, foi com devoção que os meus olhos glissaram por sobre as sedas fôfas dos seus vestidos airosos.

Mas, hão-de me dizer, minhas senhoras : o que são afinal as Casas de Trabalho de Santa Joana Princeza?

São lares venturosos para aquelas que não teem lar, são casas amigas para esses pequeninos entes que, sem carinhos, sem olhares desvelados, se afundariam na lama ignobil deste pobre mundo. E, em cada casa, conforme o seu lugar, além de uma instrução esmerada, além do conforto carinhoso de adoráveis mãos femininas, as pequenas internadas cultivam uma industria propriamente regional. Na Figueira, á falta de outra, escolheram as bonecas de trapos, essas bonecas deliciosas que eu vi; em Pombal são os lenços de tule que nas suas dobras caprichosas teem uma suavidade calida de movimentos irreprensiveis e, no Porto, dentro em breve, teremos outra Casa.

Aqui é uma industria, ali outra, mais além outra ainda e sempre, na mesma ideia suma do Bem, como se fossem espalhadas pelas mãos de Deus, as Casas de Trabalho de Santa Joana Princeza, os lares amigos das raparigas pobres.

ALFREDO ARY



(Clichés Salgado)

# PORTUGAL, PARAISO DO MUNDO

PALAVRAS DO IMORTAL POETA ARGENTINO GUIDO Y SPANO

UNS VERSOS QUE IRRITARAM OS PARAGUAYOS

(CONTINUADO DO NUMERO ANTERIOR)

**D**OS quartéis, escolas publicas, presidios, centros literarios, etc, aglomeravam-se os pedidos de versos que ele fazia sempre com a mais prodigiosa e fecunda facilidade, numa forma esbelta, com limpidez de estilo, harmonia e unidade de ritmo. Por serem assim, simples, correntios e senti-

dos é que os seus versos se tornaram populares e desejados.

Diz-nos Campoamor, o João de Deus hespanhol, que—a forma poetica está sujeita a variações: muda, pelo menos, em cada cincoenta anos. No entanto o que permanece invariavel, o que sempre impressiona e comove é o sentimento, a emoção sincera do verdadeiro poeta que, sob qualquer forma, sabe encontrar o caminho do coração.—Estas palavras foram certamente escritas para os que preferem os malabarismos de métrica, os exotismos da linguagem, o bysantismo dos conceitos á fluencia natural das imagens e das emoções. Poeta, de verdade, é, a meu ver, o que produz versos que mal o povo os lê, logo se julga capaz de os ter feito, porque os sente, aprende-os de cór e começa a cantal-os a caminho da posteridade, embora os criticos chamem antiquados aos seus auctores... Por isso os versos de Guido y Spano, quer em castelhano puro, quer em português, como *Marmória e No Escorial*, traduzidos por Lucio de Mendonça, vão passando, com o mesmo vigor, de geração em geração, emquanto os vates modernistas caem no olvido eterno após efemeros e retumbantes triunfos. Assim o compreendeu Nuñez de Arce, no Ateneo de Madrid, quando afirmou que *el poeta mas grande de la epoca era*

argentino referindo-se a Guido y Spano a quem Ortega y Munilla repetiu essas palavras na visita que lhe fez com Rafael Obligado e Cruz Ocampo. A primeira referencia de intellectuales á guerra do Paraguay foi feita pelo poeta admirador dos classicos, segundo ele proprio confessa no soneto *Leyendo a Virgilio* que serve de maravilhoso comentario ao *Santus in umbra*:

*?...Yo amo lo antiguo! Triste paso.  
Por un mundo caduco que me hastia;  
Eclipsado está el sol en nuestro dia:  
Falta luz en las cumbres del Parnaso!*

Intitula-se *Nénia* essa composição poetica em que Guido y Spano fala do desastre das armas paraguayas

pondo na boca de uma jovem, em lingua guarany que ainda hoje é corrente naquelas regiões cisandinas, uma formosissima elegia que encerra estes versos:

*Llora, llora urutaí  
En las ramas del yatay  
Ya no existe el Paraguay  
Donde paci comotí—  
Llora, llora urutaí!*

Esta composição que figura a paginas 26 da *Antologia de Poetas Argentinos* por Joan de La C. Puig (Tomo X—*Auroras y Ocasos*—Buenos Aires—1910), não agrada aos aguerridos filhos do Paraguay porque, muito embora devessem gratidão ao poeta amigo, interpretaram mal a intenção da *Nénia*. Não admitiram de boa mente que Guido y Spano, deixando-se impressionar pela visão dolorosa de uma mulher paraguaya, que no ha escrito libros pero ha reconstruido un pueblo;—afirma-se categoricamente:—*Ya no existe el Paraguay*, convidando o urutaí, passaro de canto suave, a chorar tal desdita da cópa de uma palmeira (*Yatay*).

Não! Um povo tão cheio de tradições, tão empenhado sempre em luctas revulsivas que forja pelo bem da patria, nem como simples liberdade poetica poderia admitir tal suposição. Surgiram, assim, os protestos contra o vate imortal que eu tinha ido visitar, protestos esses que a sinceridade do

autor dos versos e o tempo foram desvanecendo pouco a pouco. Cá fóra, no esplendor radiante daquela bela tarde de Julho, os *canillitas* apregoavam, pelas ruas, *El Hogar* que publicava na sua primeira pagina, o soneto de Spano—*La Independencia* (1816) cujo autografo a *Ultima Hora* editou no dia seguinte (8 de Julho de 1916) e que findava num grito de patriotismo:





*Y triunfantes las armas argentinas,  
Llevan la libertad, su honor, su fama,  
Desde el soberbio Plata al Chimborazo!*

Aqui e além, era também anunciado o *Hino oficial del Centenario de la Independencia*, com letra do mesmo poeta, musica de Andrés Gaós, que alcançara o primeiro premio no concurso organizado pelo governo tucumano. A Casa Lepage, em Calláo, esquina de B. Mitre, com exclusivo de Max Glucksmann, mandou gravar essa peça musical em discos Odeon, aproveitando a oportunidade oferecida pela imprensa diaria que incrementava, com ardor, a ideia da coroação do cantor nacional predileto cuja veneranda figura não ficaria mal, na antiga Grecia, presidindo ás horas mais scintilantes do Areópago. Salvador Rueda, com quem me encontrara no Rio de Janeiro, havia recebido igual homenagem á que pretendiam prestar a Guido y Spano; Carducci — fôra também coroado pela Italia, Zorrilla pela Hespanha e Mistral pela França. Porque não coroar a suprema mentalidade da literatura argentina? Assim pensavam todos e todos desejavam que o poeta recebesse as honrarias gisadas num largo programa patriótico. Foi, pois, caminhando em tal ambiente que entrei no quarto pobre desse tropeiro riquíssimo de ritmos, de imagens e de glorias, que estava um pouco erguido, sobre o leito, com a cabeça encostada a vastas e alvissimas almofadas.

Sobre a cama, demasiadamente baixa, onde o poeta jazia, por assim dizer, em vida, com as extremidades do corpo mortas pela doença que ali o retinha ha vinte e cinco anos, via-se um amontoado de livros, jornaes e revistas da semana. Embutidos num rosto palido em que a nevada e leonina moldura da cabeleira e da barba punha tons seraficos realçados pela luz da lampada que ardia, perto, em frente da *Virgem de las Mercedes*, os olhos do poeta reverberavam lampejos de genio. E, na penumbra que envolvia o cabeçal do leito dir-se-hia que rodavam, misteriosamente, *Almina, Adriana, Corina, Luisa, Blanca* «hermosa como Ruth la moabita» e todos os outros vultos luminosos e femeninos da sua obra poetica triunfal. Cobria-lhe a cabeça um largo chapéu de feltro negro, a camisa estava entreaberta deixando-lhe vêr o peito amarinado, a mão esquerda escondia-se numa luva castanha, de grosseira lã, e a direita apresentava-se envolta em ligaduras brancas. Espalhava-se pelo quarto um cheiro ativo a tabaco, porque o poeta fumava em demasia, e por uma das janelas, á esquerda, avistavam-se as arvores fronteiras, do parque. Era ali que os passaros vinham, cantando, buscar as migalhas que Spano lhes reservava, recitando-lhes versos seus e tocando musicas faceis numa flauta que as pequeninas aves pareciam escutar com atenção. A convite desse glorioso velho, uma das simpaticas figuras que tenho conhecido, acerquei-me da cama.

— Isso, dizia o poeta, chegue-se mais ao meu leito para o poder vêr melhor e expressar-lhe o meu desejo veemente de que, ao regressar a Portugal, encontre o seu lindo paiz vitorioso e repleto de felicidade! E, enquanto nos serviamos de vinho e bolachas, depois de recitarmos versos nossos, foi contando, em portuguez correto mas com pronuncia algum tanto arrastada, as recordações que tinha de Lisboa onde fizera grandes amizades. Lembrava-se ainda, com saudade, de Aboim e de Augusto Emilio Zaluar, poeta e prosador lisboeta, autor do poema *Uruguayana* e do romance *Dr. Persognes*. Foram amigos e avizinham-se todos em idade estuando-lhes nas veias uma juventude ardente e generosa. Para Guido y Spano havia em Portugal melhores literatos do que na obra hispano-americana e, voltando-se para seu sobrinho, também presente, o Dr. Guido Lavalle, presidente da Camara de Apelaciones da Provincia de Buenos Aires, exclamou com amavel tristeza. — «Que pena não se falar portuguez em toda a parte!» — Referimo-nos á sua coroação que estava na ordem do dia. Num repente, respondeu-nos: — «Não a aceito,

não a justifico, porque na Republica não admito coroações... Para mais, — e isto mesmo disse eu a Miltre que chegou a entrar numa comissão para esse fim — não aceito homenagens officiaes de qualquer especie emquanto não forem tributadas as honras devidas á memoria de meu pae que valia cincoenta vezes mais do que eu, em tudo!... Tenho tres filhos militares para a defeza da patria e por eles lhe juro isto!» — Depois, fazendo uma pausa, colocando no nariz umas lunetas com aros de ouro, pediu um retrato seu sobre o qual começou escrevendo a dedicatória. Foi uma operação demorada porque quasi os movimentos da mão não o auxiliavam.

Pediu a sua esposa, D. Micaela Lavalle, mais nova talvez uns dez anos do que éle, que lhe mudasse por varias vezes, a pena com que escrevia e com um raspador fazia desaparecer as palavras que não saíam a seu gosto. Entretanto, o Dr. Guido Lavalle ia-me contando que, quando o presidente da Republica do Brazil, Dr. Campos Salles, estivera na Argentina com uma brilhante comitiva de politicos e intelectuaes, numa obra de confraternisação em que interviêra o belo espirito argentino do presidente Julio Roca, Guido y Spano mostrára desejos de conhecer pessoalmente alguns literatos brasileiros hospedes do seu paiz. Foi então que o egregio Olavo Bilac, entre comovidas efusões e recitações de versos, estivera ali, naquele mesmo quarto, com alguns dos seus compatriotas numa festa puramente intellectual, presidida pela veneranda figura virgilliana que continuava escrevendo a custo.

A imprensa portenha occupara-se largamente dessa hora de união espiritual argentino-brazileiro. Guido y Spano acabára de escrever e, entregando-me o retrato, tirou as lunetas e exclamou sorrindo, com o seu ar bondoso: — «Vae muito mal! Já não vejo bem. Tenho 90 anos! Que escandalo!...»

Li a dedicatória que resava o que segue:

*Al caballero Mario Monteiro, hijo de Portugal, el paraíso del mundo. — Llevele esta sombra, la espresion de mí mas alta estima — Carlos Guido y Spano.*

Só quem anda, ha muito, longe da sua terra natal é que pôde compreender taes emoções. Arrazaram-se-me os olhos de agua ao vêr a minha patria saudada tão carinhosamente por aquele vate imortal a quem Lauxar, nos seus estudos literarios, dedicou inumeras paginas de acrisolada admiración. O poeta compreendeu o que se estava passando dentro em mim e, como que confirmando, explicou: — «Quiz concretisar toda a minha admiración por Portugal em poucas palavras e por isso lhe chamei: — paraizo do mundo!»

Guido y Spano aproximára-se, talvez sem o saber, da apreciação que Lord Byron fizera, uma vez, quando visitou a nossa pitoresca Cintra. O crepusculo começava já dando as despedidas ao poeta com manifesto desgosto de não poder ficar ali conversando horas sem fim.

Mais tarde, pouco depois do meio dia, hora cheia de luz, de 25 de Julho de 1908, o telegrafo levava-me ao Rio de Janeiro a noticia da morte do cantor das *Hojas al viento* que jamais poderá morrer na memoria dos povos cultos.

No seu enterro não houve a menor participação official. Não teve honras militares nem elementos representativos, embora varios oradores fizessem o seu panegyrico no cemiterio da Recoleta e o Congresso autorisasse, o governo a dispendir cincoenta mil pesos com o seu mausoleu e a conferir dez mil pesos de pensão á viuva. Não teve a manifestação ultima, das fardas e casacas vistosas, mas teve a acompanhal-o a grandeza sincera e expontanea da alma heroica e bela do povo argentino e, um cortejo compacto de creanças das escolas, essas que sempre amara e que foram juncar o seu coval com as mais lindas flôres que lhes foi possível colher.

MARIO MONTEIRO

Da Academia de Sciencias de Portugal

# MIZALÁ

## Sinfonia dos beijos perdidos

Para a MARIA-CARMELITA

### INVOCAÇÃO

O heroes esquecidos, filhos de reis ignorados!...

Uma noite — andavam no ceu as estrelas, misticas aranhas de oiro, tecendo teias de luz — foi o tigre pela montanha deambulando e sonhando.

Havia nos tamarindos estalactites de luar. Ao de redor fluctuavam vagos fantasmas, sonambulas errantes, esguias e hieraticas, que o vento baloiçava mansamente em seus bailados.

O tigre foi subindo, subindo, para vêr se perdia dele a sombra que o seguia. Mas a sombra não o largava. Quiz rasgá-la nas piteiras e nas urzes e a sombra escorregou por cima delas. O sangue que lhes ficou nos aculeos era o sangue que o tigre verteu de seus membros supliciados. Então o tigre foi subindo, subindo, para vêr se a sombra se cançava.

É as bailarinas heticas — princesas histicas e virgens maceradas — evocavam deambulando e bailando, no tedio da noite silenciosa, os beijos que nunca foram dados, os rubros heroismos já esquecidos.

O\* estrelas candentes, pranto de huris abandonadas!...

Uma noite — andavam zigue-zagues de prata boiando nas indecisas tremulinas dos regatos — foi a femea do tigre pelo vale deambulando e caçando.

Havia nos montes distantes auras côr de cereja que os cumes exalavam. Vibriões de fogo, flamejações violaceas colericas mas fluidicas, traçavam signos instantaneos, hieroglyphos fosforescentes sobre a placidez inefavel dos halos irreaes.

A gazela foi devorada no meio das magnolias.

Combatiam os lumes e os perfumes. As rosas e as estrelas entraram sósinhas na batalha.

A féra enovelou-se e poisou na sombra dos palmares a languida pupila. Lambeu as fauces quentes e sangrentas e soltou para a montanha um uivo dolente de volupia. Uma gota de agua, prismada e coruscante, lançou-lhe timidamente no dorso o roxo sensual dos martirios e o amarelo fulvo das fogueiras.

Os lumes violaram os perfumes.

O\* estrelas candentes, lagrimas incandescentes!...

Uma noite — andava o tigre na montanha deambulando e penando — veiu do vale, occulto nos perfumes, um uivo dolente de volupia.

O tigre estacou. A sombra parou. Envolto nos perfumes que o velavam, o uivo era uma prece.

A lua — doce milagre de prata fundente — tingiu-se de um candido rubor que lhe aflo-rava ás faces em congestões suaves, roseas e lilazes.

O tigre escutou. Banhou na onda sideral a calida pupila e encheu-a de luz a transbordar. Fitou rutilamente a sombra e a sombra deslizou para o outro lado.

Ondeava a nevoa dos perfumes, embalando, entontecendo os lumes. Ebrios, scintilantes, ingenuos e perfeitos, os raios de luz mergulhavam na nevoa capitosa, que palpitava alagada de fulgores. Jactos odorantes, como braços coleantes, enlaçavam amavelmente os laivos cambiantes. Enleados na nevoa deslumbrada, os lumes derramavam gota a gota seu sangue luzente e multicôr.

A montanha resplandecia. O tigre tremeu. Numa ondulação sacudiu dos flancos o manto de luar que lhos cingia. Os canaviaes, como harpas tangidas por gigantes moribundos, plangiam á beira dos lagos as derradeiras litanias.

O tigre desceu e a sombra foi com ele.

1915.

FREDERICO RODRIGUES ALVES.

# Shodahdo

**B**OULOGNE-SUR-MER, ainda inquietada pela visita das esquadilhas de aviões alemães, no quarto crescente. A confusão duma cidade desarrumada por todos os rastros vulcanizantes da guerra mundial. Num estaminet conversam, com a placidez de uma gondola a um crepusculo outomnal, Eugenio de Sousa, official português, moço, musculosos laços, olhos de flamma, e uma mulher branca, totra, pequenina, de grandes olhos escuros e tristes, Anicia Avianovitch.

Eugenio—Que tristeza é essa hoje, Anicia? Que sentes?

Anicia—Uma coisa que faz soffrer muito!...

Eugenio—Ódio!

Anicia passou duas vezes, pelos olhos de Eugenio, a sua cabelleira, numa negativa muda e fulva.

Eugenio—Ciúme?

Outra vés os cabelos de Anicia doiraram um não.

Eugenio—Amor?

Anicia—Amor! todos os seres vivos têm esse sentimento e todas as linguas o exprimem. Não adivinhas, querido, muito querido, porque não é da vossa raça, embora embalada por canções que o mar aprendeu no Oriente. É um sentimento para os povos costumados a soffrer sem se poderem queixar, ensinados a chorar antes de convencerem a dôr que os vae martirizar é um sentimento muito nosso, muito nosso!...—e ficou-se abstracta, com a sua pupilla muito triste e muito meiga perdida num horizonte invisível, talvez a tragedia vermelha e negra das brancas *steppes*.

Eugenio—Acaba!... O que é, afinal, esse sentimento?

Anicia—Uma dôr indefinida, uma tristeza que apunhala o peito, rasgando uma ferida de que não apetece retirar o punhal, qualquer coisa de inexprimível que nos consome lentamente e de que nos alimentamos, um mal profundo e doloroso a que bemquerêmos, pesar que nos torna desgraçados e de que gostamos como se fosse ventura, lembrança de alguém ou de alguma coisa, relembração de pessoa viva ou morta, cuja magua nos faz soffrer e que não querêmos apagar da alma, écos de musica preferida, aragem que nos traz perfumes dilectos, amargura que deixa lugar ao coração donde fomos desterrados, quebrantamento, exaltação, jazida e vulcão, espectro e sombra, infortunio amargo que se saboreia... não sei, não sei dizer! Isto não se exprime, só nós, os Russos, sabemos o que é!...

E Anicia vendou os seus olhos enturvados de lagrimas com as mãos entrecruzadas e brancas.

Eugenio—Como chamam vocês a esse sentimento?

Anicia encolheu os seus hombros, modelados por um manto de sêda, sacudindo de si aquele pedido importuno e de satisfação inútil.

Eugenio (*Retirando-lhe a mácia venda que lhe encobria os maguados olhos*):—Dize! Como se diz isso na tua lingua rythmosa e clara!

Anicia—De que serve dizer-te a palavra? Tu não entendes...

Eugenio—Talvez...

Anicia—E' preciso ser Russo, querido!

Eugenio—Traduze.

Anicia—Não tem tradução, nem pode tê-la jámais. Sentimentos ou sensações equivalentes tem reciproca tradução em duas linguas. Mas, vocês, os portugueses, não sabem, não podem sentir esse soffrimento horrível e deleitoso! Só os Russos, com a sua alma barbara e meiga, sentem isso, e, por isso, nenhum outro idioma contém a palavra *Shodahdo*!

Eugenio—Torna a dizer!

(Anicia—*Contorcendo as espaduas semi-nuas, delicadamente contorcida de dôr*):—*Sho-dah-do!*

Eugenio—E exprime...?

Anicia—Uma dôr indefinida e amarga, um doce amargo...

Eugenio—Mas nós temos, justamente, a palavra e

até hoje suppunhamos que só a nossa lingua portuguesa a tinha!

Anicia (*incrédula como se ouvisse predizer a libertação d'um pae*):—Como se diz em português?

Eugenio—(*Nostalgico, tiritou*): Saudade!

Anicia—Mas é a mesma! *Shodahdo*. Saudade!

—Eugenio—Como se escreve?

Anicia traçou: *pyodahdu*.

Eugenio—E será russo? Eu conhecia *Skutchat*, o verbo, e *Skuka*, o substantivo, que é o equivalente da nossa saudade, sem atingir a sua poesia. Mas *Shodahdo*...? Não será polaco, amorosa e branca Anicia?

Anicia—Ensinaram-m'a no meu berço moscovita.

Eugenio—Quem sabe se por ti não passou o gemido d'alguma saudade dos que atravessaram a Russia com as aguias napoleonicas, e que tu estas a trazer-me de retorno o echo patrio do nosso coração!

Anicia—Não sei...!

Eugenio—Nós, os portugueses, não querêmos crer que exista noutro lexicon...



Anicia—E exprime a mesma coisa?

Eugenio—«Saudade, gosto amargo de infelizes, delicioso pungir de acerbo espinho»...

Anicia—Como tu dizes bem, amor! Nunca vi o *Shodahdo* tão bem expresso!

Eugenio—Não são palavras minhas, são d'um poeta português.

Anicia—(*Entevada, tamboritando nos dentes muito brancos com as unhas cor de rosa*):—Como nós somos parecidos! Desde que te ouvi falar, em português, com os teus camaradas, tive a sensação de que ouvia o russo, tão rythmico, tão doce e viril é vosso falar. Mas nunca supuz que as nossas almas se parecessem ao ponto de a alma portuguesa ser capaz de sentir o trau delicioso do infernal *Shodahdo*!

Eugenio—Tambem nós, os portugueses, temos o preconceito que só nós sabemos soffrer esse elevado sentimento que, por isso, fôra baptisado em português. Os francezes não tem nada que se approxime d'essa elevada e sentimental tortura. Tem *regret*...

Anicia—E' uma dôr frívola que passa como uma chuvisco de julho!

Eugenio—Os italianos tem *membranza*...

Anicia—Uma dôr de almanaque...

Eugenio—Os hespanhoes, *recuerdo*...

Anicia—Reuerdo de Sevilha! Uma cathedral ou um charro pintados numas castanholas.

Eugenio—Saudade, só nós!

Anicia—Os Russes e os Portuguezes!

Eugenio—E era saudade o que tu tinhas ha pouco a turvar a serena corrente do teu olhar?

Anicia—Era.

Eugenio—De qué, amor? De teu pae?...

Anicia—(Como o eco d'um corpo batendo no fundo d'um coval)—De meu pae!... Coitado! Ha doze annos que não sabemos d'ele...

Eugenio—Estará na Siberia...

Anicia—Talvez... Talvez morto! Não sei. Não sabemos. Um dia, vieram uns homens, algemaram-o, nós chorámos, o pae repreendeu-nos com o olhar, levaram-o, nunca mais soubemos d'ele.

Eugenio—Revolucionario?

Anicia—Apostolo. Era bom. Ele só queria que os maus deixassem de o ser... O czar não queria que se pregasse isso, mandou-o buscar, Ah! e não queres tu que eu fume opio!...

Eugenio—Não, não quero que fumes mais opio. Pois não faz o opio esquecer?

Anicia—Faz. E é tão bom esquecer!...

Eugenio—Se o fumares, esqueces-me...

Anicia—(Serpenteando o corpo de cobra adormecida)—Tu és o meu mundo ideal; o opio só faz esquecer o mundo real.

Novamente os seus olhos se voltaram para o céu invisível que ella fixava ao abrir d'este dialogo.

Eugenio—Outra vez triste, Anicia? O que tens?

Anicia—Agora já não é segrêdo, já sabes o que é... E' Saudado!

Eugenio—Saudade! Não é Saudado!

Anicia—(Repetindo, guiada pelo som)—Sau-da-de!

Eugenio—Mas saudade de qué?... Ou de quem?

Anicia, os cotovêllos sobre a meza, de mãos postas como para rezar, os labios ferrados nos polegares, desprendeu-os, e, com os dez dedos, apontou Eugenio.

Eugenio—Minhas?!

Anicia, voltando á sua posição e cerrando as palpebras, confirmou tacitamente a resposta, num langôr de tristeza boiando num sonho de opio.

Eugenio—Mas como, se eu estou ainda ao pé de ti?!

Anicia—Tão pouco tempo! Horas!... Vem ai a madrugada que te levará para a primeira linha.

Eugenio—Que queres, Anicia? Devêr de soldado!

Anicia—Deus me livre de te reter! Mas a minha consciencia não comanda aqui—e apontou o coração—A saudade é rebelde e tem ouvido de moujik. A minha saudade ouve já a tua marcha para longe...

Eugenio—Não desperdices o tempo, amor! Por isso mesmo que é pouco, o não devêmos estragar com tristezas. Dentro de dias estou de volta...

Anicia (Com uma alegria simulada, batendo as palmas)—Sim, sim, tens razão. Tu voltas muito breve, coberto de gloria para eu te coroar de beijos! Dá-me mais cidra, meu amor! Mais!...

Eugenio—Pois, sim. E depois vamos descançar um bocadinho.

Anicia—Tens somno? Podes dormir esta noite?!

Eugenio—Dormir, eu? Descançar apenas... os meus labios no teu côlo!

Anicia (Com um olhar triste e amoroso)—Minha saudade! Vamos...

—Eugenio.—Toma a cidra.

Anicia—(Erguendo-se e levando-o pela mão, como a um ceguinho).—A minha bebida, a fonte que abrandá a minha sede brota da tua alma e eu bebo-a pela taça dos teus labios, até cair morta e esquecida de que á mais bela e triste palavra da minha lingua tu ajustastes hoje á amarga sabedoria d'outra palavra do teu doce idioma, que é, por igual, amarissima e doce.

Sairam enlaçados, em direcção á «Mess», encaminhando-se pelo tino para o quarto dela, os olhos d'ele pregados aos olhos d'ella. E até o sol aclamar a victoria do novo dia sobre a noite, não mais se ouvira a voz d'aquella paixão nata e creada entre o trovejar do canhão, naquele scenario de destruição, e pujando com aquella incrível e violenta graça das parasitas nas alterosas omissuras dos vales abissimos dos tropicos.

Dias e semanas, a saudade cobriu da sua sombra o coração de Anicia.

No dia em que tornaram da primeira linha as forças do comando de Eugenio, Anicia foi espera-las a alguns quilometros. Arrimada a um lado do caminho, Anicia via, com uma ansiedade de louca, desfilar o contingente. Aos primeiros officiaes que por ella passaram, arremessou a sua inquietação:

—O alferes Eugenio de Souza?...

Os officiaes reconheceram-a, e passaram sem responder.

Era ladreento o piso, as forças marchavam em acelerado. Anicia repetia, já indistintamente a pergunta:

—O alferes...

E os soldados passavam quasi sem a ver nem a ouvir, numa marcha que á sua ansiedade parecia vertiginosa. Ou eco da sua alma apreensiva, ou crise angustiada que não socega sem que lhe respondam, Anicia repreguntava com um gemido supplicante de ferido á beira dum caminho, na esperança de ser ouvida de algum fortuito caminhante:

—O alferes Eugenio de Souza?... O alferes?... O...

Até que uma praça, ao passar por aquella mulher que a angustia dobrava em dois como bandeira em continencia, inclinou-se para ella, e gritou numa voz compungida, mas em que vibrava o orgulho do batalhão e da raça:

—«Morto no campo da honra!»

Anicia deu um grito, sem uma palavra, cravou os dedos no peito, recuando, encolheu-se toda, incurvou o busto, dobrou os joelhos, pendeu a cabeça e, como um corpo esmagado pela metralha, ficou-se num novelo de dôr que os seus cabelos muito loiros—soltos pelas contrações da sua nuca carnosa negando resignação—colmavam de oiro, especie de cupula doirada dum pequenino panteon, construido para abrigar egoistamente apenas um heroe.

Era manhã feita. Anicia ficou assim horas esquecidas, esquecida de todos, esquecida de tudo, com o pensamento preso no campo de batalha onde a metralha inimiga lhe matára a felicidade. Nisto ergueu-se, voltou-se para a direcção onde sabia que era o sector inimigo, e praguejou:

—«Deus vos mate a Vitoria! Deus vos destrua toda a vossa grandesa! Deus inunde do vosso proprio sangue as vossas cidades, toda a vossa terra!...» e, num soluçar de criança perdida em floresta, encaminhou-se lentamente para o povoado.

Todos a sabiam já de luto. Ninguem ousou interromper aquele dialogo entre uma dôr e um desespero. Apenas um official lhe passou o braço para a encostar ao hombro dele. Anicia reconheceu-o, repeliu-o; mas elle disse-lhe:

—Vá, eu fui sempre seu amigo! Não tem aqui mais ninguem, tem-me a mim!

Anicia, quebradas as forças naquele isolamento de almas, teve uma crise de choro, e elle conduziu-a ao mesmo *estaminet* onde mezes antes ella ouvira a voz de Eugenio sintetisar-lhe a saudade. Chorou, chorou convulsivamente. Depois, calou-se, enxugou os olhos, e ficou-se de pupila estacada no vago, descerrando-se-lhe a pouco e pouco os labios num sorriso livido,—resta de sol após uma tempestade. E de passo que sorria, a sua cabeça de oiro aprovava aquele sorriso.

—Então? Melhor?—perguntou o official.

—Obrigada!—respondeu Anicia, compondo os cabellos.

—Não ha remedio senão conformarmô-nos. Hoje ele, amanhã serei eu. A guerra é isto!... E é isto a vida! Não me conformei eu com o seu desdem? Hontem foi ele. Hoje... sou eu, não é, Anicia?...—e ia a enlaça-la.

Anicia deitou-lhe um olhar a esbrazear de odio, que o immobilizou. Retirou a mão, e continuou a falar:

—Não sei o que tencionas fazer, Anicia: se fica, se parte. Nem lh'o pergunto. Mas seja aqui, seja alhures, a sua vida não pode parar. A Anicia precisa dum apoio, duma amisade na vida, conhece a minha paixão por si...

Nas faces de Anicia assomou uma idéa violenta. Venceu-se, e respondeu:

—Conheço oficiais milicianos valentíssimos que tem ido buscar a morte á frente da batalha. Encontro hoje pela primeira vez um que saqueia os despojos dum camarada, á procura duma amante.

—A menina é a viuva? Desculpe, não sabia que tinham casado. Ora deixe-se de historias! Eu sou militar, homem de acção: ou venço, ou sou vencido. Vamos a isto! A Anicia não ha de ficar aqui sem recursos, sem ninguém. Porque não consente que seja eu esse alguém que o seu coração não terá remedio senão aceitar?

Anicia ia a levantar a mão, mas foi com ella lentamente ao cabelo, passou-a pelas suas vagas doirdas, premiu as palpebras, a socegar-se, pousou o cotovelo na mesa, o mento sobre o polegar, e quedou-se sem uma palavra, nem um gesto.

—Responda, Anicia. Não me julgue um homem grosseiro, por lhe falar hoje mesmo nisto. Reccei que abalasse e eu nunca mais a encontrasse. Sabe que não é a primeira vez que lhe confessó esta paixão...

—Tem razão! Eu pertenco ao numero daquellas mulheres muito desgraçadas que, quando lhes morre uma pessoa querida, não tem direito de gastar tempo a chorá-la. As lagrimas afujentam os homens. As mulheres galantes querem-se alegres. Tem razão, tem!... Se não fôr você, será outro. Se o recuso pode apparecer-me outro ainda mais grosseiro, mas deixe-me ao menos tirar o meu luto com um pouco de pó d'arroz... Por hoje, basta!

—Precisa de descansar, Anicia, concordo. Mas tem toda a tarde para repousar. Deixe-me visitá-la esta noite?... Conversaremos... Deixa, sim.—e sem esperar resposta, levantou-se, fitou-a com paixão e saiu.

Anicia rodou a pupilla, a confirmar-se se elle se afastava, e murmurou:

—«Bruto!»—e voltou á sua predilecta abstracção, com o olhar endurecido no vago. A pouco e pouco, uma idéa de retorno baloiçou no seu cerebro, o olhar foi-se-lhe desendurecendo, e quasi calmo, muito enternecido, pronunciou com o enternecimento duma lagringe slava entoando cantos nataes:

—Sho-dah-do!... Saudade!

Na prostração duma dôr sfingica velando um tumulo, Anicia apoiou a cabeça escaldante na palma da mão esquerda, firmou o cotovelo no joelho esquerdo. Por fim, ergueu o busto, distendeu o pescoço, de orbi-

tas pregadas num mundo ausente. E caminhando numa lentidão de sonambula, disse entre si, como ao selar dum compromisso:

—Sim, esta noite!

Quem a visse dessa hora em deante, diria que um novo horizonte, que uma nova vida amanhecera nela, afestoando-lhe a alma de grinaldas duma nova primavera. Penteou-se, tratou das suas unhas com longos preceitos de rito, encalamistrando-se, retocando-se. Encaxilhou o seu busto tenro e capitoso na moldura dum vestido negro.

Quando o seu perseguidor bateu á porta do aposento com o cabo do *stick*, e que ella abriu, recebeu a deslumbradora surpresa de quando um *very-light* corta a escuridão. Persegui-a, tentára-a, convencera-se de que a perdêra para sempre, vendo-a partir nos braços doutro. A guerra que destroe fortalezas estracinha nacionalidades, caldeia geografias, amolga aqui o globo, para além o empolar de orgulho e de gloria, libertára-a, e na magica improvisada de quanto a guerra destroe e cria, ella apparecia-lhe tentadora, linda, presta e docil como uma noiva. Ia a enlacá-la Anicia sorrindo refluiu para o fundo do aposento, e elle seguiu-a, estonteado, como toiro em alpendre de cobrição..

Anicia sorrindo sempre, proporcionou-lhe uma cadeira. Elle desembaraçou-se do correame da pistola, pousou o *stick* e sentou-se em frente de Anicia, tomando-lhe a mão muito branca que tremia na sua brancura de lirio em que bate a aragem funerea da madrugada. Anicia retirou a mão, e, descerrando os labios apenas o bastante para filtrar um sorriso, indicou-lhe a porta que ficára entreaberta. Elle encaminhou-se para a porta. Ella no seu passo leve de ninfa encaminhou-se para o movel onde elle pousára a pistola e, quando elle, dada a volta á chave se dirigia á colheita da desejada messe, viu Anicia encostar o cano da pistola á face inferior do mento, desfechar e cair morta, traçando, com o sangue que lhe listrou o vestido negro e o azulado cadaverico da fronte, as côres da bandeira dum povo de almas em que crepita a chama da barbarie e soluçam todos os misterios sepultos nas nevas brancas.

JOAQUIM LEITÃO

Da Academia de Sciencias de Lisboa

(Ilustrações de Rocha Vieira)





## MILLY POSSOZ

**A** BRIU, ha poucos dias a exposição da Sociedade Nacional das Belas-Artes. E' doloroso, para não dizer lamentavel — a impressão que ressalta do conjunto das obras expostas, quasi todas invalidas de equilibrio e de Belesa. A Sociedade de Belas-Artes apresentou uma galeria pobre, antiquada, infeliz. E, como agravante, pra-



*Os filhos do sr. d'Orey (quadro recusado)*

ticou uma injustiça flagrante, que revolta todas as sensibilidades que vivem dentro da Hora. Essa injustiça foi a recusa lançada como uma sentença sobre alguns quadros de Milly Possoz. Milly Possoz é uma artista ilustre, já consagrada entre o grupo dos novos pintores, pela finura esbelta dos seus traços, a doçura melódica dos seus coloridos,



*Um dos quadros de Milly Possoz recusado pela Sociedade Nacional de Belas Artes*

a originalidade elegante das suas figuras de mulheres, aromáticas e frescas, feitas de ar livre, de civilização e de audácia. Milly Possoz é também uma alma de carinhosas e inéditas faculdades. As bonecas que reproduzimos, e que são criações suas, documentam pitorescamente a sua interessante e rara individualidade. Recusando quadros do

valor dos de Milly Possoz, a Sociedade Nacional de Belas Artes pretende ferir apenas a nova geração e essa ofensiva converte-se afinal numa derrota. Entregue aos seus únicos recursos, a Sociedade Nacional de Belas Artes mostra apenas o que a sua exposição revela: a falta marcante de valores e o evidente atraso de processos.



*Um quadro de Milly Possoz*

*Clichés Salgado*



O consul do Chile, entrevistado pela «Ilustração Portuguesa»

(Cliché Salgado)

## A ENTREVISTA DA SEMANA

### ARMANDO LABRA CARVAJAL

**F**ICA ali mesmo no Chiado, num andar alto, o consulado do Chile, honrosamente representado em Portugal pelo exímio advogado e notável publicista sr. dr. Armando Labra Carvajal, que pelo nosso paiz tem acrisolada simpatia.

O dr. Armando Labra Carvajal dotado duma extrema amabilidade, recebe-me nas suas salas. Entro um sorriso cortez e breves palavras de diplomacia, iniciamos a nossa palestra:

— Adoro Portugal e admiro bastante os portugueses.

«Por eles tenho a mais disvelada admiração e a Portugal considero a minha segunda patria. O clima magnifico que aqui se gosa basta, para, por si só, fazer o elogio deste lindo paiz que tantos poetas tem cantado e que é quasi desconhecido em terras estrangeiras como no Chile onde ninguem sabe quem era Afonso Henriques, desconhecendo mesmo a nacionalidade portugueza, — isto diz-me com visível magua, o dr. Labra Carvajal, que, como publicista, cosmopolita, a respeito de qualquer coisa borda os mais interessantes comentarios.

Escreveu a nosso respeito o interessante livro *Le Portugal* maravilhosas paginas que por si demonstram o valor da sua pena.

Labra Carvajal sente o enorme desejo de vêr intensificado, quanto possivel, o inter-cambio intelectual entre os dois paizes, para o que está disposto a colaborar com o maior dos seus esforços.

Portugal, — diz-me o ilustre diplomata, — que tem uma historia de glorias, um passado de bravura e um presente de triunfos, devia procurar fazer-se conhecer no estrangeiro, conquistando para si e para os seus homens os louros a que tem jus.

Nós conhecemos vagamente Julio Dantas atravez a sua magnifica *Ceia dos Cardeaes* que tem sido representada nos teatros, traduzida em francez.

Pelos seus romances de grande relevo soberbos de contestura e cheios de vida, conhecemos tambem

Eça Queiroz, mais do que Camilo, e Guerra Junqueiro que tambem é bastante apreciado.

A' semelhança do que fez agora com a sua ida a Espanha, Eugenio de Castro teria muito a ganhar se fizesse uma visita ao Chile. Admiro extraordinariamente o cantor dos *Oaristos*.

O seu ultimo livro foi a *Tentação de S. Macario* que é admiravel.

Eugenio de Castro tem uma *canção do carpinteiro* que eu ensinei minha filha a recitar:

Sendo moço fiz um dia  
Um bercinho de embalar  
Quando acabei de o fazer  
Sentei-me e puz-me a chorar...

Anos depois fiz um leito  
Para uns noivos lá deitar  
Quando acabei de o fazer  
Sentei-me e puz-me a scismar.

Ha dias fiz um ataúde  
Para um morto enterrar  
Quando acabei de o fazer  
Sentei-me e puz-me a cantar.

O interesse destes versos duplica pela sua imprevisita moralidade e pelo morbido sentimentalismo que neles perpassa.

— Uma taça de champanhe! ..

— Doutor! Pelo enorme prazer que sinto com a sua visita! ..

— Pela fórma galharda como v. ex.<sup>a</sup> me distingue! ..

O dr. Labra Carvajal não fala portuguez mas sabe pronunciar na nossa lingua materna aquele imortal verso de Camões:

«Alma minha gentil que te partiste»

que ele decorou pelo grande amor aos classicos lusitanos.

ARAUJO REGALO.



O FUNERAL DO EMBAIXADOR DO BRAZIL



*O cortejo funebre passando na Praça do Brazil*



*No cemiterio. — O Nuncio apostolico lendo o seu discurso em nome do corpo diplomatico*

*(Clichés Salgado)*



UM NOVO CATEDRATICO — O Dr. Antonio de Pereira Forjaz prestando acto para lente de quimica na Faculdade de Ciencias



O grande dramaturgo espanhol Jacinto Benavente, que esteve recentemente em Lisboa, de passagem para a Argentina, rodeado de companheiros e amigos

(Clichés Salgado)

**TONICO FORMIOL MUSCULAR**  
 (REGISTADO)  
 MEDICAMENTO DE EXITO NOTAVEL

Na cura da fraqueza geral, fraqueza cerebral, fraqueza genital, neurastenia, anemia, tuberculose, doenças do coração e pulmões, afeções nervosas, suores noturnos, prostração física, menstruações irregulares, perdas seminaes, escrofulas, linfatismo, falta de appetite, palidez, hemorragias, afeções osseas, raquitismo, digestões laboriosas, prisão de ventre e fraqueza senil. Rápido e energico. Tónico por excelencia do sistema nervoso e muscular, aumentando sempre a resistencia á fadiga derivada

PROVAMOS COM

ATESTADOS MEDICOS

do esforço muscular prolongado, quintuplicando as forças e evitando a pobreza fisiologica, traduzindo-se o seu efeito por um aumento de peso e das forças. As pessoas que habitam nos climas quentes e as que se dedicam ao sport tem absoluta necessidade de fazer uso do «Formiol», com o fim de evitar o exgotamento fisico derivado do excesso do clima e do abuso das forças.

Este medicamento tem sido experimentado por varias sumidades medicas e doentes (como podemos provar) obtendo sempre otimos resultados. Não tem dieta. A venda em todas as farmacias e drogarias. Preço 5\$00. Correio, até dois frascos, mais 50 centavos. Depósito geral: Farmacia Albano, rua da Escola Politecnica, 59, Lisboa. Depositarios em Lisboa: Farmacia Barral, rua do Ouro, 128; Estacio, Rocio, 60; Azevedo, Rocio, 31; Pimentel & Quintans, rua da Prata, 196. Porto: Farmacia Birra, Praça da Liberdade, 124. Coimbra: Farmacia Nazareth, R. Ferreira Borges, 139. Santarem: Farmacia Bastos, R. da Misericordia, 121. Setubal: Farmacia Oliveira, R. da Misericordia, 14. Evora: Farm. Ferro, R. João de Deus, 33. Faro: Bandeira & C.ª rua de Santo Antonio, 50. Africa Ocidental: S. Tomé, José Pedro da Fonseca, rua General Calheiros. Benguela: Farmacia Continental. Louanda: Serra, Annes & Irmão

**O ERGA**

E', segundo a opinião dos Ex.<sup>m</sup> s medicos que o tem experimentado, um tonico de eficacia certa e sem equal, sobretudo nas afeções seguintes:

Anemia, clorose, neurastenia, paludismo, doenças do peito e enfraquecimento geral. Excelente nas convalescenças.

Excita o appetite e dá força sendo muito bem tolerado pelo aparelho digestivo.

**Preço 4\$00**

DEPOSITO HYPODERMICA

R. DO SALTRE, 153 — TEL. 765 N

**PARA APRENDEREM ESCRITURAÇÃO COMERCIAL**

devem requisitar a sua matricula no curso professado no Instituto Nacional de Ensino por Correspondencia,

**Largo Trindade Coelho, 7 LISBOA**

E' o curso preferido por todos os que se dedicam ou pretendem dedicar-se ao commercio, pois que, em 3 a 6 meses e economicamente, aprendem a fundo e sem o menor transtorno para as suas occupações habituais

**ESCRITURAÇÃO COMERCIAL**

por partidas simples e dobradas.

O Instituto remete prospectos gratis para todos os pontos do paiz, ilhas, colonias e estrangeiro.

**Passado, Presente e Futuro**

Revelado pela mais celebre Espiritista da Europa

Quereis ser feliz consultai esta sô-nambula, pois só ella sabe segredos para a felicidade, tais como abreviar casamentos, reconciliações, negocios, etc. Vende objectos de atrair. E' esta a que maior fama mundi-l tem alcançado e que derivado aos seus admiraveis trabalhos é bem conhecida em toda a Europa e America. Trata de todas as doenças sobrenaturais. Enviar nome e data de nascimento e 2\$500 para porte. Escritorio a Ilarite B rton — Rua Herois de Kionga, M. L. R. 1.º, dir., predio de esquina da Rua Marques da Silva. Carro de Almirante Reis.

**Companhia de Seguros GARANTIA**

Fundada em 1853 — Sede no Rua L'edicio proprio

Sinistros pagos até 31 de Maio de 1921 — Esc 7.972 798\$76

**CAPITAL MIL CONTOS**

(Inteiramente realisado)

Effectua seguros terrestres, agricolas, industriaes, de automoveis, trespasses, maritimos e de minas.

**SEGUROS DE VIDA.**

AGENTES:

**José Henriques Tota, Ltd.**

BANQUEIROS

Teleph. 533 e 1.589 cent.

**LISBOA**

**O passao, o presente e o tuturo**

Revelado pela mais celebre chiro-mante e fisionomista da Europa

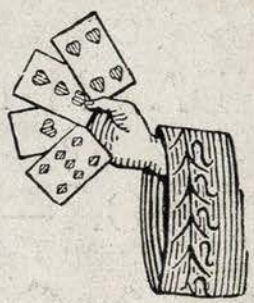
**Madame Brouillard**

Diz o passao e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez; é incomparavel em vaticinios. Pelo estudo que fez das ciencias, qulromancias, cronologia e fiziolegia e pelas applicações praticas das teorias de Gall, Lavier, Desbarolles, Lambrose, d'Arpenigney, madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, alemão, italiano e hespanhol. Dá consultas todos os dias uteis, em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobre-



das 11 da manhã as 7 da tarde (em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobre-loja) — Lisboa.

**M. ME VIRGINIA CARTOMANTE-VIDENTE**



Tudo escreve no passado e presente e prediz o futuro. **Garantia a todos os meus clientes:** completa veracidade na consulta ou reembolso do dinheiro. Consultas todos os dias uteis das 12 ás 22 horas e por correspondencia. Enviar 50 centavos para resposta. **Calçada da Patriarcal, n.º 2, 1.º, Esq. (Cimo da rua d'Alegria, predio esquina).**

Ver, quarta-feira, o

Suplemento de MODAS & BORDADOS DO "SEculo"

Preço: 20 centavos



Não desespere!

Essa doença que V. considera com mais ou menos razão incurável, talvez possa curar-se bastando para isso fortificar o corpo e sanear o sangue.

Tome já o "SANITOL,"

A' VENDA EM TODAS AS BOAS FARMACIAS  
DEPOSITARIOS:

LISBOA — Azevedo, Irmão & Veiga  
RUA DO MUNDO, 24

PORTO — Lourenço, Ferreira Dias, L.<sup>da</sup>  
RUA DAS FLORES, 157